

Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407 1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801.95
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
CAPÍTULO 3	24
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
CAPÍTULO 4	34
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
CAPÍTULO 5	43
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
CAPÍTULO 6	51
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
CAPÍTULO 7	59
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
CAPÍTULO 8	66
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
CAPÍTULO 9	77
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	

CAPÍTULO 10	89
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros	
José Wanderson Lima Torres	
DOI 10.22533/at.ed.96219240710	
CAPÍTULO 11	103
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira	
Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli	
Leonardo José Rodrigues	
Nádia Vieira Simão	
Pâmela Natiele Pereira Bispo	
Viviane Ellen Araújo Pereira	
Débora Cristina Santos e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96219240711	
CAPÍTULO 12	111
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.96219240712	
CAPÍTULO 13	123
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.96219240713	
CAPÍTULO 14	134
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa	
Ana Lúcia Trevisan	
DOI 10.22533/at.ed.96219240714	
CAPÍTULO 15	145
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240715	
CAPÍTULO 16	151
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa	
Thiago de Sousa Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.96219240716	

CAPÍTULO 17	160
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
Rodrigo Peixoto Barbara	
DOI 10.22533/at.ed.96219240717	
CAPÍTULO 18	171
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
Claudia Barbieri Masseran	
DOI 10.22533/at.ed.96219240718	
CAPÍTULO 19	181
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
Érica Patricia Barros de Assunção	
João Benvindo de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.96219240719	
CAPÍTULO 20	192
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
Erika Camila Pereira dos Santos	
Cláudio Guilarduci	
DOI 10.22533/at.ed.96219240720	
CAPÍTULO 21	203
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.96219240721	
CAPÍTULO 22	213
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
Andrea Carla de Miranda Pita	
DOI 10.22533/at.ed.96219240722	
CAPÍTULO 23	221
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
Iasmim Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.96219240723	
CAPÍTULO 24	232
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
Iêda Carvahêdo Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240724	
CAPÍTULO 25	241
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
Wander Nunes Frota	
DOI 10.22533/at.ed.96219240725	

CAPÍTULO 26	251
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
Patricia Horta Livia Bocalon Pires de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.96219240726	
CAPÍTULO 27	263
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
Juliana Carvalho de Araujo de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.96219240727	
SOBRE O ORGANIZADOR	270
ÍNDICE REMISSIVO	271

OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE

Jesuino Arvelino Pinto

(UNEMAT, Faculdade de Letras, Ciências sociais e Tecnológicas, Alto Araguaia-MT)

RESUMO: O propósito deste trabalho é realizar uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em **Selva Trágica** (1959), que traz como subtítulo “a gesta ervateira no suestematogrossense”, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, dessa forma a obra oferece interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia *Matte Larangeira*. A partir de um eixo social, desvela-se a trama das relações que subjagam o Homem. Sofrendo pressões socioeconômicas de um sistema capitalista, que escraviza e dá sustentação à relação opressiva entre dominadores e dominados, os protagonistas de **Selva Trágica** vivenciam relações de oposição entre grupos e experimentam situações trágicas, bem como a degradação humana. Para o homem comum, a constante preocupação com a morte tem traços mórbidos. Assim, ele desviará a atenção da morte, especialmente em seus aspectos mais desagradáveis, sempre que o espectro da morte se introduzir em sua consciência. Nas atividades cotidianas, não há lugar para reflexões sobre a transitoriedade da vida, porque

o dia-a-dia é repleto de trabalhos e ações que pressupõem sempre o tempo futuro. Segundo Heidegger (2002), a vida prática cotidiana exige, pois, o “esquecimento” da morte e, para tanto, o homem a “despersonalizou”, fez dela um fenômeno puramente biológico ou social, recusando-se a meditar sobre aquilo que é uma experiência à qual todos os seres se submetem individualmente.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura social; Narrativa de tensão; Hernâni Donato; **Selva Trágica**

TRAGIC JUNGLE HERBS: A WAY OF ONE HAND - DEGRADATION AND DEATH

ABSTRACT: The purpose of this work is to carry out an approach to the relationship between Literature and Social Life in the Tragic Jungle (1959), which has as subtitle “the gesta herbal in southwestmatogrossense”, constituting a testimony of the epoch, the History of the herdsmen of Mato Grosso and the western border of Brazil, in this way the work offers a fictional interpretation of the possible History of the Matte Larangeira Company employees. From a social axis, the plot of the relationships that subjugate the Man is unveiled. Suffering socioeconomic pressures from a capitalist system that enslaves and sustains the oppressive relationship

between dominators and dominated, the protagonists of Tragic Jungle experience oppositional relations between groups and experience tragic situations as well as human degradation. For the common man, the constant preoccupation with death has morbid traits. Thus, he will divert attention from death, especially in its most unpleasant aspects, whenever the spectre of death enters into his consciousness. In day-to-day activities, there is no place for reflections on the transience of life, because everyday life is filled with work and actions that always presuppose future time. According to Heidegger (2002), daily practical life therefore requires the “forgetting” of death and, to that end, man has “depersonalized” it, made it a purely biological or social phenomenon, refusing to meditate on what is an experience to which all beings submit individually.

KEYWORDS: Social literature; Narrative of tension; Hernâni Donato; Tragic Jungle

No conjunto da produção literária de Hernâni Donato, percebe-se a predominância de narrativas que traçam o percurso do homem preso a um espaço que faz dele um ser colado à paisagem social e submetido a leis que anulam seus sonhos, utopias e capacidade de libertação, impedindo-o de se realizar em sua plenitude humana. As personagens desses romances lutam contra as pressões da natureza e do meio social, para elas a liberdade é algo impossível de se alcançar, embora seja um sonho coletivo. Sofrendo pressões socioeconômicas de um sistema capitalista, que escraviza e dá sustentação à relação opressiva entre dominadores e dominados, os protagonistas de **Selva Trágica** (1959) vivenciam relações de oposição entre grupos e experimentam situações trágicas, bem como a degradação humana.

Ao considerar que as instâncias da Literatura e da História acentuam a possibilidade de assimilação pela obra literária do contexto histórico em que ela foi produzida, percebe-se que a relação entre ficção e realidade constitui um dado inalienável ao próprio processo de criação artística. A obra é, portanto, uma configuração estética do mundo, criada pelo escritor com base num sistema simbólico de representação do real, o que nos faz pressupor que esta narrativa de Donato gira em torno de um eixo social e denuncia a trama das relações que subjagam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas; e o localizam no centro das lutas desiguais de classes.

Nos ervais representados, no romance **Selva Trágica**, como o Bonança, e citado, como o da Tormenta, as taxas de mortalidade são expressivas, o que acarreta a sensação de banalidade e até mesmo de familiaridade com a presença constante da morte, Marin (2010) observa que as reações diante dos momentos fúnebres demonstram a falta de medo, rancor, tristeza, dor e desespero. Os indivíduos se mostram resignados diante da vida nos ervais, assim como, a desesperança em relação ao futuro leva-os a acreditarem que a morte seria o destino de todos os homens e mulheres, o que gera a crença na continuidade da vida após a morte. “A perda de um ente querido ou de uma pessoa conhecida não era vivenciada como uma separação inadmissível e nem era inominável” (MARIN, 2010, p. 163). Ainda

segundo o estudioso, em **Selva Trágica**

A morte representa uma ruptura ao libertar o homem do mundo irracional, violento e cruel. Todos eram mortais e podiam morrer a qualquer momento e todos sentiam a morte próxima. Por ser frequente e sua presença sempre iminente, não era apavorante nem obsessiva. Era familiar, um destino de todos os homens, apesar de não ser desejável morrer nos ervais. Ali, morrer era uma recompensa e não algo lúgubre. Os sobreviventes aceitavam a morte do outro e não temiam a própria morte. (MARIN, 2010, p. 163)

A abordagem da morte na narrativa considera que diante dela pode surgir a eloquência, mas não o saber, pode surgir o arrebatamento, mas não o conceito. A morte compele o homem ao silêncio, pois ele sente cortada a palavra e ultrapassado o repertório de conhecimentos que fundamenta os juízos e conceitos humanos. A morte, portanto, deve ser esquecida para que a presença continue em sua atividade de descobrir o mundo e a ele dar significado.

Para o homem comum, a constante preocupação com a morte tem traços mórbidos. Assim, ele desviará a atenção do fato da morte, especialmente em seus aspectos mais desagradáveis, sempre que esse fato se introduzir em sua consciência. Nas atividades cotidianas, não há lugar para reflexões sobre a transitoriedade da vida, porque o dia-a-dia é repleto de trabalhos e ações que pressupõem sempre o tempo futuro. Segundo Heidegger (2002), a vida prática cotidiana exige, pois, o “esquecimento” da morte e, para tanto, o homem a “despersonalizou”, fez dela um fenômeno puramente biológico ou social, recusando-se a meditar sobre aquilo que é uma experiência à qual todos os seres se submetem individualmente.

No cotidiano, o homem insiste no aspecto ocasional da morte, por isso, ela está quase sempre associada a acidentes e doenças, o que revela a tendência humana para abstrair da morte o seu caráter de necessidade, tornando-a um evento imprevisto. A tendência humana para fugir ao pensamento da morte foi assim assinalada por Heidegger: “No domínio público, ‘pensar na morte’ já é considerado um temor covarde, uma insegurança da *pre-sença* e uma fuga sinistra do mundo. O impessoal não admite a coragem de se assumir a angústia com a morte” (HEIDEGGER, 2002, p. 36). De fato, “assumir a angústia com a morte”, tê-la presente em todo o percurso da vida, inscrevê-la como a mais certa e iminente possibilidade não traz como consequência o seu desvendamento. Ao contrário, tais ações significam incitar o destino implacável, deslumbrar o cotidiano com nuvens fúnebres. Para fugir da morte, o homem a transforma numa ocorrência que diz respeito aos outros, o que lhe traz a evidência de que a vida necessita ser usufruída. Heidegger (2002) denominou como “decreto silencioso” a tendência humana em escamotear o pensamento sobre a morte.

O sentimento do trágico encontra-se na maneira como os ceifadores convivem com a morte e a encaram. Ela ronda suas vidas diariamente. Vivem em uma verdadeira corda bamba, sob tensão constante ao terem que transportar nas costas um raído de erva-mate de 200 quilos. Quando acontece um acidente, a morte é

certa. Eles sabem que não há outro meio, não há hospitais, nem se cogita a ideia de cura. Fala-se em morte, de forma banalizada.

Em **Selva Trágica**, temos o relato de um acidente com um mineiro jovem e inexperiente que, ao carregar um raído de cento e cinquenta quilos, perde o equilíbrio ao torcer o pé e quebra a coluna vertebral. Depois horas de muito sofrimento e agonia, o cunhado segue até a sede da Companhia e implora a Curê, administrador do rancho Bonança, que o matasse, que o livrasse daquela agonia, pois a morte seria uma caridade naquela situação. Nos ervais, o costume era dar um tiro de misericórdia no moribundo, abreviando seu sofrimento, caso a morte demorasse a chegar. No mundo dos ervais, segundo as leis da Companhia, todos os familiares do acidentado tinham que trabalhar e não poderiam dispensar qualquer tempo com cuidados que exige um tetraplégico, além do fato de não disporem de recursos para sustentar um indivíduo improdutivo. Dessa forma, matá-lo resolveria um problema de difícil solução, tanto para a família como para a empresa, e permitiria o descanso eterno.

Mesmo a morte sendo inevitável, necessária e urgente, para Curê a situação era um aborrecimento, considerando a escassez de mão de obra. Foi resolvido no baralho qual dos funcionários de confiança da Companhia seria o executor: aquele que pegasse a carta do baralho com o menor valor seria o responsável em realizar a tarefa. O serviço recaiu sobre um ajudante que foi acompanhado pelo cunhado, pois sua esposa recomendara que fechasse os olhos e rezasse. Familiares e amigos do moribundo bebiam e rezavam enquanto aguardavam o “tiro de graça”:

- Era bom. O anjo da guarda lhe pegue...

- ... e leve pro colo da Virgem...

- ... que é a Mãe de todos nós...

- ... pra glória do Divino Filho...

- ... que é o pai de todos nós.

Até ouvirem o turo de graça, lá em cima, no tape. Ouviram e disseram:

- Amém! (DONATO, 1976, p. 22-23).

Sem acesso a qualquer assistência médica, quando ocorria alguma enfermidade nos ervais o que reservava aos trabalhadores era aguardar a morte, que sempre estava a espreita, violenta ou natural, nunca falhava. Nenhuma personagem permanecia muito tempo no leito, a morte a surpreendia nos momentos mais inesperados, e poucos eram advertidos por sinais de que o fim se aproximava. Nos ervais, não havia motivos para que os moribundos prepararem-se para os instantes finais nem para os cerimoniais tradicionais, eram desprovidos de bens e, em sua maioria, até

mesmo de família. A presença da morte e sua certeza não mais os assustavam ou amedrontavam, dada a convivência constante que os familiarizava e resultava em sua aceitação, pois significava alívio, ao encerrar um ciclo de sofrimentos e dores. Os limites entre a vida e a morte, no mundo dos ervais, eram tênues, por isso para os fugitivos antes a morte do que serem capturados, todos admitiam e aceitavam a morte de forma serena e a aguardavam a qualquer momento para retirá-los daquele inferno. Os ervateiros, incluindo os Changa-ys, afirmavam que a empresa *Matte Larangeira* controlava tudo no “país da erva”, inclusive o governo e a polícia, e não mandava, ainda, nas “coisas de Deus” (DONATO, 1976, p. 88).

Em **Selva Trágica**, a morte nos ervais é descrita de forma banal, sem demonstração de sentimentos ou afetos, totalmente apática, o luto não é respeitado. O velório, quando ocorria, era muito simples sem lamentações; tudo se encerrava com o enterro. Esse esvaziamento de sentido não se devia a uma indiferença em relação à morte e aos mortos, mas às imposições da *Matte Larangeira*, que desumanizavam os homens e os embruteciam.

Esta conduta acarreta uma adaptação ao sentido da palavra velório, que deriva de “velar” e detém, entre outros significados, passar a noite acordado, em vigília. A cerimônia funciona como uma despedida da pessoa que morreu, levando em conta que biologicamente a morte para tudo, mas que culturalmente ela aparece como passagem. Os rituais que cercam a morte são importantes para os indivíduos próximos da pessoa que falece, assim como para a sociedade. Porém, nos ervais as atitudes diante da morte eram restritas a uma oração, a comentários sobre a bravura e honradez do falecido, ao atendimento de um pedido do moribundo e ao ato de venerar o morto com as gestualidades de retirar o chapéu, de não permanecer diante do falecido com o corpo desnudo e de manter o silêncio.

Um dos relatos que impressiona é o momento da morte do velho Boppi, respeito pela sabedoria adquirida pela longa experiência. A morte do velho Bopi resulta da consumação da vida em consequência do trabalho rude na colheita da erva mate, que abrevia a vida útil, provoca o envelhecimento precoce. Assim como a maioria dos trabalhadores, não possuía família nos ervais. Nos momentos finais, foi assistido por Pablito (DONATO, 1976, p. 115) e, posteriormente por Zola, que constata a morte iminente de Bopi e lastima seu destino. A mulher solicita que Pablito avise aos demais. Pablito, hesitante, não obedece, e Zola o repreende: “Deixe o Bopi comigo. Ninguém melhor que mulher pra ajudar um homem a morrer.” (DONATO, 1976, p. 116). Estar com uma mulher nesse momento derradeiro era a morte mais desejada pelos homens. Zola acariciou os cabelos e a face do moribundo e preocupou-se em fechar seus olhos após o último suspiro. Não foi o primeiro nem o último que ela teve de acompanhar nos momentos finais (DONATO, 1976, p. 115-116).

Após a constatação da morte, chegaram as mulheres, porque os homens estavam trabalhando. Ao se aproximarem do falecido, olhavam-no e, em sinal de respeito, enrolavam-se no xale para não deixar o corpo à mostra. Em seguida,

passaram a falar de tudo que sabiam a respeito dele, tecendo elogios, espécie de orações fúnebres em sua homenagem. Ninguém tocou no corpo até a chegada dos capatazes, que reviraram o corpo em busca de um revólver que se encontrava com Bopi e que não havia sido devolvido após a monteada. Os ervateiros, após chegarem, se agruparam ao lado das mulheres e passaram a falar tudo o que sabiam de bom a respeito do falecido. Mas diante da morte, transparece a indiferença; os administradores demoravam em decidir sobre o enterro, todos se irritaram, pois estavam cansados e doloridos e “não podiam empregar o seu tempo de descanso cuidando de um morto! Continuavam vivos e havia um resto de mina para cortar, o que exigia estivessem descansados pela manhã. Para Bopi terminara tudo.” (DONATO, 1976, p. 117). Ele teria toda a eternidade para descansar, deitado com o rosto voltado para o céu e ninguém iria impor um ritmo de trabalho para produzir mais em menos tempo.

Esta cerimônia deveria ser breve e discreta, pois o tempo regulamentar do falecido tinha acabado e os vivos precisavam administrar o seu tempo. Zola, que tinha se retirado para longe do corpo, aguardou até que todos dissessem o que conheciam de agradável acerca de Bopi e, triste, retirou-se do local. Os mineiros também se retiraram, pois cabia à administração do rancho Bonança enterrar o corpo. Posteriormente, Zola avistou os mineiros carregando o corpo. Em sinal de respeito, aguardou que passassem com o corpo enquanto ocultava os ombros desnudos com as mãos.

Além da morte instantânea ou solicitada, há a morte lenta, que tolhe progressivamente as forças vitais, que define diariamente, de forma trágica e estarrecedora, o trabalhador. É desta forma que ocorre a morte Curãturã, precocemente, como acontece com todos que desempenham a função de uru, devido à insalubridade dos trabalhos que exercia no barbaquá. A unidade de do processo de produção, concentra a atividade especializada de torrar a erva-mate exigindo, assim, que eles permanecessem em contato com o fogo, inalando fumaça permanentemente. A poluição e os choques térmicos causavam doenças respiratórias, que abreviavam sua vida. Curãturã, o torrador de erva-mate no Rancho Bonança, no estado em que se encontra, sabe que a qualquer momento morrerá e não espera mais nada da vida, a não ser os prazeres mundanos. O seu trabalho intenso de quarenta e oito horas torrando a erva no barbaquá, sugou-lhe a vida, deixando-o vulnerável à morte:

[...] Então começa a respirar fumo e resina, a ser defumado em suor e fumaça. Primeiro a gordura depois as carnes, a saúde, escorrem pelo corpo, dia e noite, feito suor. Nenhum pêlo lhe fica grudado no corpo, nem saliva na boca, nem dentes na gengiva, nem lágrimas nos olhos. Vai sendo cozido dia a dia; os intestinos acabem secos e mortos, envenenando o corpo; o estômago ácido, os pulmões cavernados, as veias saltadas, os olhos afundados. E dia e noite, com forquilha nas mãos, remexendo erva. Começa a sofrer uma sede tão grande que até faz dor, queima, atordoia. O remédio é beber. Isso, menino, isso é um uru. Você pensa que pode ser rei? (DONATO, 1976, p. 33-34)

O uru Curãturã aceita passivamente a sua morte, não questiona a falta de segurança no seu trabalho, não se rebela contra os maus tratos praticados pela Companhia, sequer se revolta com o seu fim trágico, depois de muito definhar. A indiferença da Companhia causa o estranhamento dos mineiros, como desabafa Aguará: “– Pois é como ele pediu a Deus de encomenda. Mas o que me põe azedume na saliva é ver que ninguém da Companhia se importa com o fim do uru. Ele se acaba que nem uma das mulas da arraia.” (DONATO, 1976, p. 174)

Em seus momentos finais, Curãturã conta apenas com a atenção e assistência de seu aprendiz Aguará e Zola. Enquanto o enfermo arfava em gemidos, Zola consolava Aguará, ao afirmar que todos os urus tinham esse fim: “É como é! Chegou o minuto do Curãturã” (DONATO, 1976, p. 174). Durante o tempo de espera pela chegada da morte, Zola teme as incertezas do seu destino sem Curãturã, pois sabe que nenhum homem iria desejá-la como companheira. Aguará, por sua vez, vivencia a morte de Curãturã como um alívio, pois estará livre para seguir seu destino. Não se sentia triste, pois “esse era o fim dos urus. Um dia, mais adiante, esse também seria o seu. Nem o velho nem ele queriam outro fim.” (DONATO, 1976, p. 195). Apiedava-se apenas de Zola, que estaria condenada à solidão, devido à idade e profissão. Ele sonha em casar-se, em trabalhar como foguista e, posteriormente, como uru. A morte de seu mestre tornava-o um homem, simbolizando a morte do pai e liberdade e poder do filho. Esquecia, porém, que não teria um futuro diferente dos outros homens dos ervais e dos urus (DONATO, 1976, p. 174-175). Em sua oração, Aguará lembra tudo o que sabia de bom a respeito do falecido: um Curãturã que cantava no serviço, que ensinava a trabalhar e que apreciava as coisas boas da vida (DONATO, 1976, p. 194-195).

Encerrando as orações e após recordarem tudo a respeito do falecido, como era o costume nos ervais, Zola e Aguará vestem uma camisa limpa no falecido e atendem seu último desejo, que era o de limpar suas orelhas para que pudesse ouvir o “demônio chamar o seu nome!” (DONATO, 1976, p. 195-196). Eles enterram Curãturã a sós, e ninguém da *Matte Larangeira* lamenta sua morte. Devido à mudança da rancharia para outro lugar, não havia ninguém para velá-lo. O luto resumia-se à tristeza de Zola, que, como Aguará, aceitava sem dificuldades sua morte.

Em outro momento da narrativa ocorrem duas mortes, parte do plano de sobrevivência de um ervateiro: um capanga e um fugitivo são conduzidos à morte, são sacrificados para que Augusto, prossiga em sua fuga. Audacioso e frio, Augusto planeja o sacrifício de um companheiro para facilitar o seu escape. Inconformado com a vida e exploração do erval, ele tenta convencer o amigo Pytã a fugir com ele, mas o mineiro não aceita a proposta. Augusto convence então dois companheiros, um não passa de um garoto, um rapazola, o outro tem o mesmo porte que Augusto e são amigos. Mas, como Augusto previa, durante a empreitada da fuga, foram alcançados pelos comitiveiros, comandados por Casimiro, pouco antes de chegarem ao rio. Preparado para isso, Augusto faz uma manobra, traindo seus companheiros

de fuga, que acabam caindo no meio dos caçadores – um é morto, como um caçador inexperiente, o outro, o garoto, é arrastado para o castigo. Quebram-lhe os ossos para servir de exemplo aos que pensam em fugir do erval. Assim, Augusto consegue esconder-se e não ser apanhado. De forma inescrupulosa, Augusto se safava da morte e dá continuidade à fuga (DONATO, 1976, p. 84-86).

Seguindo a tradição estabelecida pelas regras da Companhia, os corpos dos fugitivos, quando capturados e mortos, eram expostos em locais estratégicos para se decompor, servindo de lição aos demais trabalhadores que, por ventura, viessem tentar a fuga; por isso ficavam à mercê dos animais, das aves e intempéries do meio. Nesse sentido, a Mate Larangeira pretendia mobilizar o imaginário dos ervateiros a seu favor, ao fazer com que aceitassem suas leis e as condições de trabalho impostas, sem qualquer resistência. Se fugissem e fossem capturados e mortos, sem um sepultamento cristão, estariam condenados a vagar eternamente, sem descanso. A sepultura e o enterro dos cadáveres eram valorizados como meio de familiarizar e de civilizar a morte.

Segundo as leis da Companhia Mate Larangeira não era permitido que os fugitivos fossem enterrados, condenando-os a vagar eternamente. Entre os fugitivos, apenas um teve o privilégio de ser enterrado. Pablito e Flora fugiram e foram perseguidos, pois fugir não tinha perdão nos códigos dos ervais. Flora foi recapturada, e Pablito assassinado. Casimiro, seu perseguidor e executor, desejou que seu Anjo da Guarda estivesse por perto para resgatá-lo. Diante do corpo, ressaltou sua coragem e valentia por morrer pela mulher de sua escolha. Essas qualidades justificaram seu enterro e uma breve oração:

– Santo Anjo do Senhor, ó zeloso guardador...

Os outros seguiram conforme o aprendido na igreja da infância:

–...nas mãos tomai e nas de Jesus pousai as almas que andam por aqui.

Amém! (DONATO, 1976, p. 187).

A indiferença à morte aparece também no quadro em que se relata a morte de uma menina, filha de um batedor de erva-mate. Indiferença dos administradores do rancho com a dor do trabalhador. Durante o velório, as pessoas conversam muito, bebem e dançam diante da morte, num misto de dor e libertação, revelando uma cultura diferente e bizarra. O importante para eles é que, pelo menos, esta menina está livre da vida trágica dos ervais (DONATO, 1976, p. 96-97)

Apenas neste caso houve um velório organizado pela família, ao qual compareceram alguns amigos e conhecidos. A emoção, o choro, a dor apaixonada, a tristeza, a intolerância da separação e as lembranças eram substituídas pelo compromisso em agradar os presentes, que dispensaram um tempo naquela vida trágica para a despedida da menina. As bebidas, a comida, a música e a dança davam

a cadência ao evento festivo. O corpo, cercado de velas, tornava-se secundário e pouco comovente, exceto para os familiares. Durante o baile, a escassez de mulheres tornava a mãe da falecida a mais desejada pelos homens para dançar (DONATO, 1976, p. 95). O velório, como uma reunião festiva e religiosa, banuiu a tristeza e o luto.

Assim, Donato descreveu o velório como uma invenção inédita, resultado das condições desumanas e trágicas dos ervais mato-grossenses. Organizar um velório implicava em custos elevados para os ervateiros, com os quais nem todos podiam arcar, devido ao endividamento constante e ao alto custo de vida. Todos os produtos deveriam ser adquiridos na venda controlada pela administração do rancho, que os revendia com preços exorbitantes. O velório é um ritual que proporciona aos vivos a oportunidade de despedirem-se do morto, pois há a preocupação de guardar viva sua memória. Além disso, a cena do velório, apesar da adaptação no mundo dos ervais, não deixa de descrever o sofrimento da família, ao mesmo tempo em que representa as relações de parentesco, de vizinhança, de simples formalidade social, que se cumprem.

Verifica-se que a morte é considerada como alívio, como uma libertação, “Para o Bopi terminara tudo. Já podia ficar o tempo da Eternidade deitado no barro, arroxeadado, rosto voltado para o céu. Ninguém viria lhe dizer o que fazer, como fazer, e que devia trabalhar mais depressa, produzir mais erva.” (DONATO, 1976, p.117), mas também é sacrifício.

As cerimônias fúnebres são abreviadas, o luto é superado após a morte, com o enterro e com o curusu-paño, lenço, que faz uma alusão ao sudário de Jesus Cristo, à sua morte e ressurreição; colocado nas santas cruzes de veneração e nas de identificação do túmulo (DONATO, 1976, p. 22), dispensando a oferta de velas e flores para os mortos. Eles deveriam ser substituídos periodicamente, porém a mudança constante dos ranchos para outros locais impedia que essa tradição fosse mantida, muitas vezes “Do toco pende um trapo encardido” (DONATO, 1976, p. 22),. Esses poderiam ser feitos de crochê ou tecidos variados e eram colocados na cruz, dando-lhe a volta e cruzando-se na frente, onde era preso com laços, broches, flores, fitas ou sem enfeite algum. De acordo com a cor, tamanho e detalhes que continha era possível identificar o gênero, idade e a causa da morte.

As cruzes cravadas nos caminhos eram testemunhas silenciosas de mortes violentas provocadas pelos comitiveiros, simbolizava as os homicídios dos fugitivos dos ervais. Um dos funcionários do rancho Bonança, Isaque, confessa à personagem Flora que conhecia várias maneiras de matar, pois, indiferente, sem culpas, encarando como um cumprimento de mais uma ordem como outra qualquer, tinha matado muitas pessoas pelos ervais que passara a mando da *Matte Larangeira*:

– Eu podia ajudar nisso de morrer. Arranjei morte pra muita gente! Sei uma porção de modos pra ajudar uma pessoa a morrer! E ninguém perguntaria coisa que fosse. Porque nunca se viu mulher como você recusar homem como eu! Já lhe disse, pois não disse, que o Pablito se acabou pra você?! (DONATO, 1976, p. 120).

Em **Selva Trágica**, não se tem referência a cemitérios, nem relatos como ocorriam os sepultamentos. Percebe-se a indiferença em relação aos corpos, predominava o anonimato das sepulturas, a localização exata da sepultura tinha pouca importância, apesar de haver, algumas vezes, a preocupação em indicar a localização com uma cruz. A única identificação era o curusu-paño, que deveria ser trocado com frequência. Essa falta de sensibilidade religiosa diluía-se pelo fato de que, nos ervais descritos em **Selva Trágica**, cada um tinha de tomar conta de si, constituindo a individualidade.

A situação trágica do homem nos ervais faz com que ele tome atitudes monstruosas e veja a morte como uma realidade circundante, que pode chegar a qualquer momento, da forma mais inusitada possível. Por meio de acidentes previstos, por definhamentos devido ao trabalho forçado e sem segurança, por doenças naturais, por falta de assistência médica, por assassinatos que serviriam como exemplos, por tentativas de fugas. Não há um futuro compensador para o mineiro-ervateiro, abandonado à própria sorte, a sua única certeza é a morte.

Diante disso, presencia-se o homem vulnerável à derrota em todos os sentidos, tanto espiritual como moral e físico, ante o poderio das forças contrárias, o do capitalismo da Companhia de erva-mate. Resta uma conclusão: “tudo é assim por assim tem de ser no erval” (DONATO, 1976, p. 190), reflexo do abandono e do conformismo geral. Por isso não há luta, nem esperança de transformar o meio em que vivem. A entrega é, praticamente, total como é total a alienação, devido a falta de consciência de grupo, e o único protesto é a fuga mal sucedida. Portanto, os trabalhadores vivem entorpecidos pela tragédia humana diária e trabalham sob a tensão da morte.

A esperança de liberdade dos ervateiros estava no líder Luisão, que sem medo, lutava pelo fim do monopólio da extração da erva, mostrando aos políticos os desmandos da Companhia. Quando o Governo resolve extinguir o Monopólio da Companhia, é Luisão quem leva a grande notícia aos já enfraquecidos e sofridos ervateiros. A esperança de melhorar estava no fato de agora todos poderem obter a concessão para a extração da erva.

REFERÊNCIAS

DONATO, Hernâni. **Selva trágica**: a gesta ervateira do sulestatogrossense. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

_____. **Selva Trágica**. São Paulo: Edibolso, 1976.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, v. 1.

MARIN, Jérri Roberto. A morte nos ervais de Selva Trágica, de Hernâni Donato. In: **Revista Territórios e Fronteiras**. v.3 n.1 – jan/jun. 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

H

Homoafetividade 232

I

Identidade 123, 132, 135

L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

N

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

O

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

P

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

Q

Questões 102

R

Romance 108, 171, 180

T

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

V

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962